

DIAGRAMAÇÕES PARA “FELIPÃO”

Por Gerson Barcelos da Silva¹

1. Introdução

A condição de ocupar o cargo de técnico da seleção brasileira de futebol é sempre um acontecimento de ampla discussão e, acima de tudo, polêmico. Toda vez que uma representação nacional se reúne ou é formada com a finalidade de participar de um evento esportivo, a proliferação de tendências e preferências em relação ao técnico da seleção brasileira torna-se algo avassalador. Em muitos casos, dependendo da situação (resultados obtidos), o treinador torna-se objeto de expiação em praça pública.

Talvez, o exposto caracterize muito bem o momento brasileiro na fase final de classificação à Copa do Mundo de 2002. Em nenhum momento ou em nenhuma ocasião se admitia a possibilidade do Brasil “ficar de fora” daquilo que é considerado a essência de ser brasileiro (nacionalismo exacerbado). Tal fato é representativo do sentimento brasileiro na oportunidade: *um pavor nacional*. Nestas circunstâncias, quase à beira de um plebiscito nacional, buscava-se o salvador para a *Pátria em Chuteiras*.

A grita nacional, considerando, sobretudo, o espaço midiático como espaço de discussões e debates, fazia-se em torno de um nome capaz de superar as terríveis previsões sustentadas até então acerca do insucesso da seleção. Vários foram cogitados e algumas experiências frustradas. Como exemplos, citam-se Carlos Alberto Parreira e Wanderley Luxemburgo, como possíveis “salvadores” dispensados. Neste contexto, surge como um protagonista de filmes de “007” e chega para salvaguardar o orgulho nacional, Luiz Felipe Scolari (o Felipão).

No entanto, pairava no ar, ainda, um sentido de “vai-não-vai”. Tal situação ganhou relevo na Copa América de 2001, com o desempenho e a colocação conquistados (eliminação nas quartas-de-final frente à equipe de Honduras). Soma-se a

¹ Aluno do Curso de Especialização em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde do Programa de Ciência do Movimento Humano do Curso de Educação Física da UFSM/2007. Artigo elaborado como requisito para obtenção do título de especialista, sob orientação do Prof. Antonio G. Schmitz Fº.

isso tudo, a firme decisão adotada por Felipão em não levar uma das grandes estrelas do futebol mundial, o “baixinho” Romário. O jogador foi considerado o salvador da classificação à Copa de 1994 e protagonizou um episódio novelesco – o corte – durante a preparação à Copa de 1998. De forma geral, os aspectos apresentados acima compuseram um sentido para o esporte/futebol na ocasião.

Para tanto, a escolha em basear a matriz empírica do estudo no jornal Zero Hora e a opção em utilizar o Caderno de Esportes como fonte recorrente de dados, diz respeito à abrangência, à capacidade de circulação, bem como à apresentação e à análise das principais apreciações jornalísticas. Sobretudo, se considerando a posição do jornal como um dos principais representantes da Rede Brasil Sul de Comunicação², integrante do sistema midiático brasileiro.

Neste sentido, o problema de investigação busca *“compreender como alguns pressupostos esportivos foram organizados em relação ao desenvolvimento de apreciações midiáticas acerca da atuação do técnico e dos jogadores durante a Copa do Mundo de Futebol de 2002”*. Com especial atenção às diversas proposições acerca do jogo e às considerações técnico-táticas passíveis de descrição e análise.

O artigo é composto por uma introdução que recorre os principais fatos que determinaram o episódio à época, entremeados pelos objetivos, e a justificativa com o problema orientador do estudo. Na seqüência são apresentados os pressupostos metodológicos com as orientações para o desenvolvimento analítico. A seguir, destaca-se a trajetória do ator principal (Luiz Felipe Scolari) com uma descrição dos elementos integrantes para um entendimento de jogo.

No próximo item, observam-se os detalhes apurados em estudos acerca do movimento da notícia esportiva (sentidos). Em seguida, apresentam-se ponderações sobre o regionalismo na produção das notícias e as diagramações do jornal Zero Hora para Felipão (ordenação para o material empírico). O resultado das descrições e

² Informação extraída de http://www.rbs.com.br/quem_somos/index.php?pagina=linhaTempo, acesso em 1º/12/2007. Cabe ressaltar que a rede citada compreende os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (extremo sul brasileiro) e que duas equipes de futebol mundialmente conhecidas fazem parte deste contexto: Grêmio de Foot-ball Porto-alegrense e Sport Club Internacional.

análises, em relação ao técnico e a um entendimento de jogo atribuído jornalisticamente, compõe as considerações do artigo.

2. Metodologia

As **perspectivas de análise**³ são referendadas em SCHMITZ (1999: p.161-171), fundamentalmente aquelas relacionadas à apreciação jornalística de tática em relação às críticas feitas ao treinador da seleção brasileira e as considerações sobre as análises críticas descritas.

Neste sentido, pretende-se revisar, em relação à trajetória de Luiz Felipe Scolari, os seguintes pressupostos: a) a *condição artística* apregoada jornalisticamente em relação às suas concepções táticas, b) *atributos defensivos* listados e relacionados ao treinador, c) *sentidos* conferido à conduta do treinador em relação à liberdade e à diretividade de sua proposta tática e d) análise e compreensão da apresentação do *comportamento tático* do treinador da seleção (tática como disposição de jogadores e como sinônimo de substituição, erros, falhas e desastres antecipados ou atribuídos). A investigação obedece aos seguintes procedimentos:

1º) Busca, aquisição e organização do material referente às coberturas jornalísticas esportivas – Caderno de Esportes⁴ do jornal Zero Hora no período de realização da Copa do Mundo de 2002,

2º) Estudo e avaliação do material ordenado no acervo e

3º) Elaboração de um roteiro (com indagações) para confecção de uma planilha inicial de análise e descrição.

Para tanto, a organização metodológica toma referência em SCHMITZ (2005), especialmente à ênfase que o autor apresenta para estudos cartográficos como forma de detectar as relações entre os sistemas esportivo e jornalístico e as tensões e retroalimentações entre eles e o ambiente.

³ As perspectivas de análise apresentadas neste artigo integram as considerações finais do Projeto de pesquisa intitulado: A TRAJETÓRIA DO TÉCNICO LUIZ FELIPE SCOLARI NA COPA DO MUNDO DE 2002 – uma proposta de análise a partir da perspectiva do Jornal Zero Hora (GAP/CEFD 2007, registro nº 020295).

⁴ Durante a copa o caderno de esportes integrou o **Jornal da Copa**. A opção em manter a nomenclatura caderno de esportes diz respeito à formatação original e permanente do encarte no jornal Zero Hora.

Após situar a idealização para a ação cartográfica, o autor estabelece um **roteiro de indagações** que ajuda a pontuar as questões específicas e auxilia na manutenção de uma visão geral do ordenado metodologicamente. Em referência às sugestões apresentadas⁵, algumas indagações listadas foram adaptadas. São elas:

- Quais as demandas jornalísticas que foram determinantes para o desenvolvimento das apreciações em relação ao técnico e aos jogadores da seleção brasileira?
- Como a notícia agiu na formatação de um entendimento e de uma compreensão de desempenho do técnico?
- Como o caderno de esportes do jornal Zero Hora configurou o desenvolvimento da Copa de 2002 nas questões internas e no trato externo com outras mídias?
- Como a informação referente ao técnico Luiz Felipe Scolari foi tratada em diferentes situações?
- Qual o papel da informação produzida durante a Copa de 2002 na organização das diferentes pautas jornalísticas?

A readaptação dos questionamentos ajudou na composição da metodologia em seu aspecto geral; porém algumas foram diluídas no texto do artigo ou, até mesmo, não foram especificamente desenvolvidas.

Observando-se as indicações sugeridas, foi desenvolvido um **ROTEIRO** (SCHMITZ, 2005), que serviu para alinhar uma planilha de análise coerente com as proposições estabelecidas. A estruturação da planilha considerou como pano de fundo o crescimento das expectativas em relação ao desempenho do técnico e, conseqüentemente, a forma como os ritos jornalístico e esportivo se imbricaram, determinando a maneira de reconhecer as diversas relações em ato.

O reconhecimento considerou as apreciações do momento (ambiente) caracterizando a evolução da seleção na competição (ritos iniciais), observando as considerações sobre o técnico da seleção via Caderno de Esporte do jornal Zero Hora.

⁵ SCHMITZ (2005: pp. 16-18).

Obedecendo ao seguinte plano de revisão para o material empírico recolhido: Simultaneamente, foi realizado um levantamento das apreciações, com uma listagem das marcas dos diversos papéis assumidos pelo técnico da seleção: chefe, pai, treinador, condutor, salvador, etc. O que caracterizou a tensão entre o objeto de investigação (esporte) e a notícia para a determinação dos interesses em jogo. A listagem aparece no texto desde o início. Sua confecção/concepção não foi objeto pontual da metodologia. Ela serviu fundamentalmente de orientação aos principais momentos do evento.

A ordenação proposta à análise do material empírico garantiu um recorte que oportunizou um foco nos momentos mais importantes ou delicados, dependentes das fragmentações jornalísticas utilizadas pela ZH nas apreciações da seleção brasileira na Copa de 2002. Para tanto, as edições do Caderno de Esportes, selecionadas compreendem o período de 19/05/2002 a 02/07/2002, num montante de 45 exemplares.

Para efeito de ênfase nos recortes utilizados na descrição, se utilizou um movimento de readequação (de macro > para micro análise), como forma de entender os sentidos em processo. Ou seja, uma primeira revisão foi realizada no montante dos exemplares. Em seguida, uma segunda revisão foi realizada nos exemplares restritos ao período de realização da Copa. E finalmente, uma terceira revisão estabeleceu as principais temáticas em apreço, analisando-se para tal os encartes após os jogos da seleção. Especialmente para a partida final, considerando-se o resultado, o encarte produzido após o jogo também integralizou o corpo de análise.

Como complemento ao acima exposto e como justificativa do sentido atribuído a partir do título do artigo (diagramações para...), cabe ressalva ao destaque que MOUILLAUD (1997, pg. 32) apresentou para o sentido produzido via dispositivo midiático.

A escritura dos fatos fragmentou o discurso da imprensa em seqüências curtas e heterogêneas cuja unidade não provém mais da ordem interna do discurso, mas da ordem externa da diagramação⁶.

⁶ Para MEDINA (1988), diagramar não compreende somente o exercício da técnica que visa estabelecer a disposição dos espaços a serem ocupados pelos elementos textuais, ilustrações, legendas, gráficos, desenhos e fotos no universo do jornalismo impresso – o que seria um diagramar no sentido restrito atrelado a precisão e a distribuição métrica da informação jornalística – no entanto, a autora amplia a idéia de diagramação, não estabelecendo apenas o uso da técnica de ordenação do espaço informativo no

3 Trajetória do ator principal

Ao que parece, o interesse e a fundamentação por questões defensivas é um legado da família Scolari. O entendimento do jogo e, provavelmente, os atributos defensivos necessários ao seu funcionamento foram transmitidos, tanto em vivências como em discussões, por seu pai, Benjamim Scolari (considerado excelente zagueiro). Mesmo sem a possibilidade de mensurar a qualidade e a quantidade de informações recebidas, não se pode negar que desde muito cedo o conhecimento sobre o jogo de futebol, para o menino Luiz Felipe, obteve grandes referências a partir do setor defensivo.

A cultura brasileira ou o senso comum, de forma geral, preconiza no futebol a beleza do ataque em detrimento às mazelas da defesa. Tal fato não permite ou limita em muito uma visão de jogo que considere de forma adequada o jogar sem a bola. Na maioria dos casos, o jogo sem bola é um atributo reservado aos “artistas” ou “pensadores” do ataque. Aos defensores se reserva a árdua tarefa de destruir ou desmanchar os rumos organizados em direção ao gol. Quer se queira ou não o “mundo vivido” por Felipão “institucionalizou” no seu conhecimento esportivo e conseqüentemente na visão, ou atributos imputados a ele, a direta relação com aquilo que é concebido por defesa ou tarefas defensivas⁷.

Damo (2002: p. 125-126) colabora no entendimento de uma noção que aponta elementos para se pensar a significação do jogo de futebol (ataque e defesa). O autor apresenta argumentos para a “invenção do estilo brasileiro” e lista uma série de atributos que parecem organizar diversas oposições e produzir outras tantas (ver quadro abaixo).

ambiente *da página*, mas também como um elemento ordenador do olhar dos leitores (atribuições de sentidos, angulações).

⁷ Parágrafo construído a partir das discussões em seminários de orientação (2007) sobre os conceitos de habituar, institucionalizar, naturalizar e mundo vivido. Retirados da concepção de BERGER & LUCKMANN (2002).

Futebol brasileiro	Futebol europeu
Artístico	Competitivo
Espetáculo	Eficiência
Dionisíaco	Apolíneo
Barroco	Clássico
Intuitivo	Racional
Natureza	Cultura
Dom	Aprendizado
Rua	Clube/escola
Jogo	Esporte
Individual	Coletivo
Agilidade	Rigidez
Habilidade	Força
Malandro	Caxias
Candomblé/umbandismo	Catolicismo/protestantismo
Futebol-arte	Futebol-força

Mesmo não existindo referência clara no texto em relação à separação entre ataque e defesa, é possível compreender ou, ao menos verificar, o sentido produzido através da informação jornalística, quando alguma destas características acima se agrega a um personagem ou episódio do futebol brasileiro. O maior exemplo talvez possa ser atribuído ao jogador Gerson que, a partir da copa de 70, foi o grande representante da malandragem brasileira.

O *levar vantagem em tudo* acabou como peça publicitária e slogan em diversos comerciais produzidos em épocas de Copa. Como também, a expressão *carregador de piano*⁸, integrante da noção conferida àqueles jogadores que atuam preferencialmente no setor defensivo faz parte do plantel de atributos imputados ao técnico Luiz Felipe Scolari em diferentes momentos da sua carreira, mas isto ainda é suposição.

Talvez a atribuição de esforçado e executor de árduas tarefas, que em várias ocasiões reveste a interpretação feita em relação à concepção de jogo ou à forma de trabalho do Felipão, ecoe daquilo que HALL (1998: p.52-53) apresenta como aspectos de uma relação entre tradição e nacionalismo. E que SCHMITZ (1999: p. 120), ao tratar do entendimento do regionalismo vinculado à tradição, separa três dos cinco aspectos

⁸ Carregador de piano (verbete) – jogador muito esforçado, que durante o jogo corre o tempo todo executando tarefas árduas (DICIONÁRIO ILUSTRADO DO FUTEBOL, 1986: p. 17-18).

citados por HALL para uma compreensão daquilo que o futebol produz midiaticamente, são eles:

1º) A narrativa da nação: aonde a mídia participa na perpetuação de símbolos e rituais.

2º) A continuidade e tradição: a identidade nacional sempre pronta a despertar.

3º) A tradição inventada: apoiada na repetição/**redundância** que perpetua valores e normas a um **presente**/passado histórico adequado (grifo do autor).

A tradição que se (re) inventa a todo o momento, especialmente em um evento esportivo de grandes proporções, potencializa uma *problemática histórica* produzida há bastante tempo. GASTALDO (2003) apresenta tal problemática como fruto de uma construção social de identidade ou caráter nacional no Brasil. Para o autor, o grau de complexidade desta relação se agrega a outra perspectiva de identificação: a relação periferia x centro (Rio Grande do Sul e o centro do País). O que reflete uma crise histórica de legalidade e direitos e, por conseguinte, estabelece uma *oposição identitária entre “gaúchos” e “brasileiros”*.

O discurso produzido na mídia esportiva aumenta, em proporções gigantescas, a relação da seleção nacional com o povo brasileiro em tempos de copa. A convergência do ser brasileiro e o sentido de pertença têm sua marca d'água naqueles jogadores que chutam adiante o orgulho e a irreverência e naquele que acima de um chefe de estado é o responsável em perpetuar as façanhas com a bola no pé (o treinador). Neste sentido, tanto para SIMONE GUEDES (1998) como para GASTALDO (2003) aquilo que é produzido midiaticamente acerca do esporte/**conteúdos esportivos** produz constantemente definições de uma realidade esportiva, e articula elementos de produção e uma reprodução de uma determinada cultura (grifo do autor).

Neste sentido, no curso de sua carreira esportiva, apesar da criação, ao redor de si, de uma aura mítica de rigidez e autoridade, o jogador Luiz Felipe Scolari sempre foi titular e capitão das equipes que participou. A titularidade provavelmente lhe foi garantida pelas qualidades técnico-táticas desenvolvidas desde o ambiente familiar. A condição de capitão se origina geralmente, em grupos esportivos, na capacidade de se

impor frente aos companheiros, aos adversários, à arbitragem e a outros aspectos inerentes ao jogo. Mas como se sabe, geralmente num grupo de pessoas, aquele que é escolhido para representá-las possui uma diferenciação no tocante a interação e liderança. Isso talvez, junto com uma grande capacidade de interpretação/leitura do jogo, tenha levado Luiz Felipe Scolari a passar como treinador por 14 clubes e por uma seleção nacional (Kuwait 1990) antes de se tornar campeão do mundo com a seleção brasileira em 2002.

As grandes conquistas aconteceram frente à equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Foram inúmeras partidas decididas nos minutos finais, o que lhe imputou uma aura de sorte e capacidade de reverter dificuldades táticas em situações extremas. Mitifica-se o “toque mágico” dado pelo treinador durante os intervalos e a irreverência de ações incisivas à beira do gramado. Mas compreender as conquistas alcançadas através das alterações táticas transcende a limitação da fragmentação dos conteúdos esportivos produzidos midiaticamente. Cabe observar um dos exemplos dados por DAMO (2002: p. 138) em relação à perspectiva de análise do comportamento e idealização de atuação do técnico.

Continuo batendo na mesma tecla: futebol não se ganha fora do campo. [...]Eles têm uma boa equipe, mas ela poderia ser melhor aproveitada. Jogando futebol, o Grêmio poderia ter tido melhor sorte [...] O time gaúcho é um reflexo do Luiz Felipe, seu treinador. Na época em que ele era jogador, sempre foi considerado um atleta violento. Tinha pouca técnica e fazia muitas jogadas agressivas. O Grêmio, em certas ocasiões, mostra-se uma equipe desleal [...] (FSP, 25/6/95).

Cabe destacar que a citação acima é fruto da opinião (crítica) de outro técnico, Telê Santana, que emprestou sua notoriedade para determinar um perfil consensual sobre o comportamento do técnico gaúcho via mídia do centro do país. No caso utilizado como exemplo, prevalece um *regime de verdade*, que surge via informação jornalística, fundamentalmente quando a notícia aciona por mecanismos de relação, a notoriedade de quem a escreve.

Por vezes, vários procedimentos semelhantes organizam a atribuição de juízos de valor e desencadeiam sensacionalismos exacerbados em detrimento de uma análise

de mérito da construção tática desenvolvida. Isto é claro no exemplo citado abaixo por DAMO (2002: p. 140):

Não acho que o time do Grêmio seja apenas viril, valente, “pegador”, como querem alguns. É também desleal. Foi um prazer vê-lo batido pela Portuguesa, enredado na tática de Candinho, um técnico ponderado, que **não é visto nas derrotas gritando ameaças e palavrões na margem do campo**. Se o Grêmio vencer a Portuguesa no jogo de hoje, em seu campo, que o faça na bola e não nas canelas do adversário ou jurando transformar o saco do juiz e dos bandeirinhas em boleadeiras, tchê. Aldir Blanc, O Estado de São Paulo – ESP, 15/12/96 (grifo do autor).

4 A notícia esportiva em movimento

A notícia esportiva adquire mobilidade no momento em que o esporte passa a integrar o sistema cultural com regularidade. O sistema midiático, o qual tem no jornalismo seu mais nobre representante, promove a sedimentação necessária para o acúmulo e o fortalecimento dos conhecimentos específicos à noticiabilidade esportiva.

Para SCHMITZ (2005), o esporte ganha protagonismo através dos novos contornos e dos processos de transformação, advindos de diversos setores do conhecimento; eles tornam-se partes atuantes no estabelecimento de condições específicas de interação. Conseqüentemente, a abrangência do sistema midiático amplia a rede planetária dos interesses vinculados ao esporte, bem como a complexidade das questões que o envolvem.

Para desenvolver uma apreciação das implicações acerca dos sentidos a partir das relações entre o sistema esportivo e midiático, o autor pergunta: como a questão cultural/esportiva vem se processando na abrangência dada pelas coisas da vida?

Uma possibilidade de resposta pode buscar referência no sentido produzido no jornalismo. Torna-se fundamental destacar algumas apreciações feitas por investigadores brasileiros que se ocupam com a problemática da produção de sentido no jornalismo esportivo:

- FAUSTO NETO (1994) salienta que o discurso não se reserva apenas no deslocamento do “*mundo privado para a praça pública*”, mas também se interessa em deixar evidências enunciativas claras que demonstrem o quanto a construção do agendamento do acontecimento perpassa o papel de interlocução do discurso jornalístico. A questão não se limita apenas na interrupção do discurso pela fala de novos interlocutores, mas sim no estabelecimento de uma **agenda**⁹ que predetermine o papel funcional da agenda jornalística como dispositivo de oferta de sentido.

- SCHMITZ (1999), a problemática da produção do sentido dentro do contexto esportivo e a relação do esporte com o campo jornalístico aumentam a cada nova edição da Copa do Mundo de Futebol. Nas construções das informações jornalísticas sobre o futebol, as análises e as avaliações de cunho técnico-tático, tanto sobre a equipe como um todo, quanto sobre elementos individuais, ocupam local de destaque e abrangem a grande maioria do conteúdo jornalístico das reportagens e/ou comentários esportivos.

- BORELLI (2002: p.7), o espaço dedicado todos os dias ao esporte é fruto de negociações, de disputas, de jogos de interesse travados dentro e fora das mídias. A cobertura do esporte resulta, então, desta polêmica, deste jogo de vozes, destas injunções polifônicas de todos os campos sociais na luta por notoriedade, visibilidade e, enfim, legitimação.

Alguns aspectos interessantes acerca do sentido devem ser destacados a partir do que os autores propõem como elementos à discussão acadêmica. O sentido como algo que é depositado para a continuidade da funcionalidade da agenda esportiva em diferentes momentos de estruturação/fixação do sistema midiático. O sentido como o entrecruzamento de forças para a legitimação de uma concepção de esporte (perenidade, vigência, legitimação, etc.), e o sentido como resultado de apreciações que atribuem diferentes níveis para a avaliação de mérito e o juízo de valor sobre determinada pessoa ou grupo de pessoas (jogadores e técnicos de futebol).

Essa impressão encontra suporte teórico nos textos dos investigadores de análise do discurso qualitativa (Alsina, Verón, Fausto Neto, entre outros), onde estão bem descritos e caracterizados o meio, as formas e demais estratégias. Como a

⁹ FAUSTO NETO *apud* BORELLI (2002) retoma a questão do sentido no jornalismo esportivo via agenda midiática em palestra proferida em 14 de dezembro 2001 no CEFD/UFSM durante o II Seminário de Mídia e Esporte; destacando que o agendamento no esporte na esfera das mídias brasileiras é uma consequência de inúmeras e complexas “transações”.

intervenção, a produção do sentido na direção da condução intencionada de acontecimentos se sucede. Durante a construção metodológica destes estudos, se percebe como os *dispositivos midiáticos* encaminham, através dos processos de enunciação, estratégias próprias de produção do sentido e no agendamento de processos de intervenção de acontecimentos para diferentes campos sociais.

5 Ponderações sobre o regionalismo¹⁰ na produção das notícias

Na proliferação de críticas, principalmente por ocasião das convocações da seleção ou nas substituições de jogadores em situações específicas, a apreciação jornalística também é influenciada por aspectos regionalistas. A estruturação da notícia se ordena em consonância com a preferência do jornalista, do comentarista, do articulista, etc., ou em conformidade com o contexto de inserção do veículo que suporta a informação.

O discurso informativo para BERGER & LUCKMANN (2002) age como dispositivo social e atua diretamente na legitimação interpretativa dos acontecimentos. Direciona as diversas possibilidades de leitura. A internalização constitui o primeiro reforço para a compreensão dos próprios semelhantes e para a compreensão do mundo como realidade significativa e social. Jornal, televisão e rádio cumprem a função de reforço das identificações sociais (familiarização > institucionalização)¹¹.

A identidade é fruto de interatividades. A notícia age neste contexto como elemento integrante da construção social da realidade e formata o mundo social. Define a noticiabilidade dos acontecimentos através de sua rede espacial de informações. O conhecimento rotineiro dos profissionais de informação possibilita a dominação das temporalidades sociais. A notícia torna-se instituição, e como tal, harmoniza

¹⁰ Item baseado na discussão sobre regionalismo apresentado na dissertação intitulada: O Jornalismo Esportivo na Copa de 1998/uma tentativa de análise crítica das críticas.

¹¹ SILVERSTONE (1994: pp. 51-93), aponta a família como um sistema que possibilita indagações sobre a natureza da vida em grupo sob a ação contínua de regras e normas.

interpretações (reforça a comunhão entre pares) valendo-se das várias condições de reconfiguração do conhecimento advindos da realidade em construção.

FELIPPI (2007, p. 07) enfatiza que os próprios editores apontam o “localismo¹²” como uma convergência mundial dos jornais. Para a autora, a tendência natural dos jornais e a de se voltarem para o estado, a região ou a cidade onde estão sediados, como forma de sustentabilidade. Destaca a observação do Editor-chefe da ZH (...) nosso objetivo é esse: onde tem um gaúcho, Zero Hora quer estar junto, esteja ele na Indonésia, Sri Lanka, Maldivas, na Copa do Mundo, na guerra do Afeganistão, no Iraque.

Neste sentido, o que se pretende com o desenvolvimento deste artigo é colaborar com elementos relacionados às apreciações regionalistas, considerando a necessidade de discutir os aspectos que influenciam a análise e a avaliação do desempenho dos treinadores, dos jogadores e suas capacidades. Conforme SCHMITZ (1999), não é possível definir claramente e diretamente o desenvolvimento de apreciações e críticas neste contexto. Porém, com o incremento de alguns casos estudados, existe a possibilidade de identificar diferenças regionais presentes nas apreciações, bem como preferências em relação a estilos de jogo e jogadores.

Tais atributos ajudarão na constituição de um entendimento geral acerca do jogo. Características regionais ou atributos específicos, quando não fragmentados ou isolados por um tratamento sensacionalista, tornam-se importantes à compreensão e disposição de conteúdos esportivos. Com a disposição de conteúdos esportivos, o jogo evolui e ganha notoriedade através dos relatos e das apreciações dos experimentos produzidos em campo, nos treinamentos e jogos; analisá-los é o grande desafio e talvez o grande diferencial para a reformulação de uma estrutura esportiva voltada ao contexto educacional (escola, ensino superior, sociedade, etc.).

¹² FELIPPI (2007) apresenta o *localismo* como um critério de noticiabilidade importante que surge como caminho que assegura a captação de leitores e resguarda a manutenção do mercado. Para a autora, isso ocorre mediante adequações discursivas acionadas com o intuito de interpelar os leitores vias aspectos identitários e de pertencimento. Também a Constituição Brasileira resguarda, no Capítulo V, artigo 221, item III o cuidado com a regionalização da produção jornalística (p. 145).

DAMO (2002 p.138) e Caderno de Esportes/ZH (2002) são exemplos de uma distinção característica gerada na disposição espacial de elementos visuais (texto, imagens, etc.) decorrentes de embates regionalistas:

- Queiram ou não seus fãs, entre os quais me incluo, o fato é que o futebol – o jogo em si e a rede de discursos e práticas que o envolve – vem se mostrando não só uma metáfora, mas um verdadeiro prolongamento da guerra. Não interessa o “romantismo” da técnica e da fantasia. Interessa o “Hiper-realismo” da vitória, o esquema militarmente cumprido [...]. Que ganhe meu país e meu time, não o futebol. No domingo, por exemplo, ouviu-se na TV o senhor que treina o Grêmio (time que não ganha por pontos e sim por nocaute) dizer que o jogador Bernardo foi o artífice das recentes conquistas do Corinthians, não o requeitado Marcelinho. É essa a cabeça vitoriosa do futebol atual. E é esse universo violentamente competitivo, sectário, machista e chauvinista que empresta máscaras para cobrir os rostos revoltados e sem identidade social dessa legião [...] que cresce nas franjas do admirável e cruel mundo novo em que vivemos. (FSP, 21/6/95). Marcos Augusto Gonçalves, editor da Folha.

- A Família Scolari conquistou o Penta e o título de família mais unida. O patriarca Luiz Felipe, o Felipão, ou simplesmente “o professor”, como o chamam os integrantes do clã, conseguiu a maior façanha do futebol mundial a custo de muita união e companheirismo dentro de casa. Foi severo e duro quando necessário. Foi *paizão* e amigo no momento certo. Foi estratégico, gritão e vencedor à beira do gramado. Enfim, todo o ambiente amistoso e disciplinador que o *paizão* alcançara no Grêmio, no Palmeiras e no Cruzeiro foi implantado agora na seleção. Inclusive o insistente hábito de conquistar títulos. (Caderno de Esportes/ZH, 01/07/2002). Da equipe de articulistas.

Os eventos esportivos enquanto elementos noticiosos funcionam como eixo articulador às observações sobre a constituição do regionalismo. No Brasil, o futebol é o grande agenciador para tais observações em virtude da importância cultural adquirida ao longo dos anos. As duas citações acima fornecem bons indicativos de como a notícia gera fluxos¹³ e diferentes formas de institucionalização de aspectos culturais que, de certa maneira, ajudam a envolver e a estabelecer um entendimento próprio para questões da vida cotidiana. O jogo de futebol assume, neste contexto, um papel determinante no estabelecimento de perfis e na regulação da valorização maior ou menor de hábitos e comportamentos.

¹³ HENN (2002) desenvolve uma compreensão para a movimentação da notícia através de fluxos e processos de institucionalização gerados a partir da parte nobre (jornalismo) que reveste o núcleo do sistema midiático.

Em virtude destas questões, o técnico brasileiro de 2002 foi o grande ancoradouro de uma série de atributos que indicaram sua concepção de jogo e, conseqüentemente, futebol. O viés regionalista descrito abaixo pretende, entre outras coisas, caracterizar as “formatações” impostas a Luiz Felipe Scolari durante o tempo em que treinou a seleção brasileira.

6 Diagramações para “FELIPÃO”

A estréia do técnico brasileiro é preconizada no Caderno de Esportes, transportando os leitores a um consultório especializado. (...) **Felipão no divã** parece a indicação de consulta a um psicólogo. No entanto, a foto que ilustra a matéria de capa e a sustenta mostra um Felipão tranqüilo, tomando sol, pernas estendidas, com os pés apoiados em uma cadeira e certo semblante irônico.

O *lide*¹⁴ da matéria enfatiza, (...) *técnico da seleção brasileira é assim, é como um Rei Midas do verbo: tudo o que ele fala se transforma em notícia. Se o que for dito soar estranho à maioria dos ouvidos da imprensa nacional, melhor ainda. Cada palavra vira objeto de investigação jornalística.*

No mesmo encarte na contracapa, o técnico surge como (...) **o psicólogo que amarra cachorro com lingüiça**. Para admiradores da perspicácia e da sutileza crítica de Luiz Fernando Veríssimo, é possível entender que Felipão, no momento final de preparação à Copa, estaria protagonizando o famoso ‘ANALISTA DE BAGÉ’¹⁵.

Na edição seguinte, depois do amistoso frente à seleção da Catalunha, surgem indagações sobre o que deu certo e errado na proposta do técnico. Alguns personagens figuram neste primeiro ato: (...) **a afirmação de Ronaldinho**, (...) **atacantes também marcam sobre pressão**, (...) **as ótimas opções Júnior e Denílson**, (...) **a timidez de**

¹⁴ Parte introdutória de matéria jornalística, na qual se procura dar o fato, objetiva e sinteticamente, com o fim de responder às questões: o quê, quem, quando, onde, como e por quê.

¹⁵ Personagem criado por Luiz Fernando Veríssimo de extrema grossura, mas de incrível solução para os mais variados casos psicóticos, que de forma direta envolve o imaginário e o mítico da cultura gaúcha.

Kléberson no meio, (...) o ritmo ainda lento de Ronaldo Nazário e (...) o desempenho de Cafu pela ala direita.

O desempenho e a aplicação defensiva (marcação) de Ronaldinho já preconizavam uma conquista (...) *bateu falta com perfeição, driblou e ainda se empenhou na marcação. É mesmo candidato a craque do time no mundial.* A grande referência em relação ao jogador diz respeito a seu empenho em marcar a saída de jogo dos zagueiros adversários. Em decorrência, outros atacantes, a exemplo de Ronaldo e Denílson, integram a nova concepção apresentada. (...) *Correram feito loucos para tentar roubar a bola no campo adversário. Ou, pelo menos, forçar a saída errada dos catalães*¹⁶.

Ainda no mesmo encarte, observa-se que as opções apontadas para o lado esquerdo (utilização de Júnior e Denílson) foram utilizadas no *lide* como uma ameaça à titularidade de Roberto Carlos e Rivaldo. Na seqüência surge a timidez do meio-campista Kléberson e a diferença de atuação do jogador no clube (Atlético Paranaense, na oportunidade) e na seleção. Ronaldo Nazário e Cafu são contestados, um pela falta de ritmo e lentidão o outro pelos cruzamentos defeituosos.

No mesmo patamar de críticas feitas ao jogador Ronaldo Nazário, o zagueiro Roque Junior é alvo de contestações. Estilizado com o título (...) **a carranca do zagueirão**¹⁷, surgem indícios de insatisfação do treinador com as críticas. Depois de questionado por um repórter na coletiva do jogo na Catalunha, Felipão demonstra desagrado em relação à pergunta que questiona a titularidade do jogador (na oportunidade o jogador era reserva no Milan).

Na seqüência, o próprio jogador responde em tom de desabafo. (...) *Está difícil agradar. Faz tempo que estou sendo criticado. Mas a crítica tem de ser inteligente, correta. Quem nunca jogou futebol e não sabe o que é jogar não pode criticar sem entender nada de tática de futebol. A crítica é importante, mas tem de ser justa. E feita*

¹⁶ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p.2-3, em 20/05/02. Por David Coimbra, enviado especial a Barcelona.

¹⁷ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 6-7, em 21/05/02. Por David Coimbra, enviado especial a Kuala Lumpur.

*por quem entende de futebol, senão não adianta nada*¹⁸. Toda matéria se estrutura em cima de personagens, situações e opiniões que destacam o sobe e desce dos selecionáveis e a eterna crítica à zaga brasileira.

Em encarte subsequente e com o título de contracapa (...) **a ordem é sufocar**, a idealização defensiva do técnico é mais uma vez potencializada, a partir do jogo frente à seleção da Malásia. (...) *O técnico quer ver seu time utilizando o que foi treinado desde a chegada a Barcelona dia 13. Sobretudo, quer ver a equipe marcando por pressão oprimindo o adversário desde a saída de bola nos tiros-de-meta ou em arremessos laterais, como fez o atacante Denílson (E) sobre Polga ontem* (em referência à foto que ilustra a matéria)¹⁹.

Próximo à estréia do Brasil na Copa, a manchete anuncia: (...) **Os guris de Felipão**. O entendimento organizado pelas fotos e pela chamada de capa estrutura a proteção de Felipão à felicidade de seus comandados – fortalecendo a idéia da família Scolari (figura de pai). Já em título de contracapa, (...) **Os caminhos de Felipão**²⁰; o passado de zagueiro tosco, fartamente atribuído ao técnico, integra a idéia de sucesso em copas daqueles treinadores considerados jogadores pernas-de-pau.

Na véspera da estréia, o capitão Emerson é cortado depois de se acidentar atuando como goleiro em um recreativo. Uma incerteza paira no ar: (...) **Agora, quem vai marcar?**²¹ Esta a grande pergunta do momento. O escolhido de Felipão encontrava-se fora de combate. Como solucionar um problema crônico e agora irremediável da seleção nacional? Em sua coluna, Falcão salienta a ironia da contusão e o fato de tudo acontecer no último recreativo antes da estréia. Emerson (...) *preferiu brincar no gol para não correr maiores riscos. Foi um golpe para a equipe e para Felipão. Emerson*

¹⁸ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 6, em 21/05/02. Por Roque Junior, zagueiro da seleção brasileira.

¹⁹ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 2, em 25/05/02. Por David Coimbra, enviado especial a Kuala Lumpur.

²⁰ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 1-2, em 20/05/02. Por David Coimbra, enviado especial a Ulsan.

²¹ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 2, em 03/06/02. Por David Coimbra, enviado especial a Ulsan.

*era o jogador da confiança do técnico, o capitão do time que se impôs pelo exemplo e também o único volante com a exata compreensão do seu posicionamento tático*²².

Na primeira fase da copa (estréia), o Brasil joga com a seleção da Turquia (2x1). Depois de iniciar perdendo, a seleção empata (Rivaldo de pênalti). Com a polêmica marcação do pênalti a favor do Brasil pelo árbitro Kim Joo que redundou no desempate do jogo e na vitória, a carga de críticas se volta à zaga brasileira. (...) *A zaga brasileira falhou durante o jogo inteiro. Estava fácil vencê-la. Era um “abraço”, como se diz no jargão do futebol. E, por muito pouco, ela não acabou levando o time à derrota*²³. Os responsáveis apontados foram os jogadores Roque Junior, Lúcio e, principalmente, Edmílson.

Na seqüência, após a saída de Emerson, chega para integrar o grupo da seleção o jogador Ricardinho. Após a tensão gerada com a lesão do capitão da seleção e sua saída prematura, o técnico enfrenta mais um desafio anunciado: (...) **De olho na pressão.** Uma nova frente de interesses aumenta a disputa midiática entre jornalistas paulistas e gaúchos. A previsão abaixo pretende caracterizar a situação.

*(...) É bom Luiz Felipe se preparar para uma nova pressão nestes dias de copa. A chegada de Ricardinho traz um dos maiores ídolos do Corinthians para a seleção – e o Corinthians é uma atração irresistível para os paulistas. O jogador nem tinha chegado à Coréia do Sul, e parte da imprensa já discutia a possibilidade de ele ser o novo titular. Como a posição de Rivaldo é indiscutível, e Juninho Paulista ganha elogios reiterados do técnico, que não pretende mudar o esquema, pode sobrar para Ronaldinho, o gaúcho. Seria recomendável que ele não desse chances na partida de amanhã, contra a China. A pressão está aí*²⁴.

O segundo jogo do Brasil na primeira fase da Copa foi frente à equipe da China (4x0). Com o placar amplo e a marcação dos gols pelos jogadores Roberto Carlos, Rivaldo, Ronaldinho e Ronaldo, se reforça o jargão dos “4 erres”. Peculiaridade do jornalismo esportivo que, em épocas de Copa, cria mitos ao redor de jogadores e acontecimentos.

²² Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 5, em 3/06/02. Por Paulo Roberto Falcão, colunista.

²³ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 7, em 4/06/02. Por David Coimbra, enviado especial a Ulsan.

²⁴ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 15, em 7/06/02. Por Mário Marcos de Souza, colunista.

Na mesma partida, o jogador Polga fez sua estréia. O *lide* da matéria depois do jogo caracteriza o momento do jogador na competição. (...) Andersom Polga voltou às origens em Seogwipo. Estreou na Copa do Mundo jogando quase como um volante, à frente da área. O duelo contra os velozes chineses era sua primeira partida e ele parecia um veterano. Jogou com tranqüilidade, como se estivesse nos juniores do Grêmio. Passou no teste²⁵ (grifo do autor).

Neste jogo em especial surge importante observação. (...) *Até que Luiz Felipe tomou suas providências. Aos oito minutos, o treinador aproveitou uma pausa da partida para mandar que Rivaldo e Ronaldinho trocassem de posição. Rivaldo foi para a direita, Ronaldinho para a esquerda, bem abertos. Os voluntariosos alas chineses não podiam mais avançar impunemente*²⁶. Mesmo sem as devidas considerações, a observação no corpo da matéria aponta uma ação tática simultânea ao andamento do jogo. Tradicionalmente, o entendimento de tática que perpassa a informação jornalístico-esportiva não compreende ou não demonstra interesse por tais situações. Geralmente, o observado é que tática é considerada um sinônimo de substituição (SCHMITZ, 1999).

O sossego não é algo que acompanha a seleção numa Copa. Mesmo considerando o fato do regionalismo, via Zero Hora, que integra a formatação das matérias durante a Copa de 2002, o técnico brasileiro foi caracterizado de (...) **Imaturo e autoritário**. O que produziu um acréscimo interessante de dados ao perfil do técnico. (...) *Luiz Felipe é bom treinador, boa pessoa – mesmo admirando Pinochet – mas está revelando uma imaturidade que se podia adivinhar, mas nunca avaliar que fosse tanta. Ele não tolera críticas, traço autoritário de sua personalidade, e suas justificativas são quase pueris, seu lado imaturo. Para o Felipão, a imprensa brasileira deveria portar-se como uma grande torcida organizada, que se alegraria pelos resultados sem se preocupar com os desempenhos*²⁷.

²⁵ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 6, em 9/06/02. Por Leonardo Oliveira.

²⁶ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 2, em 9/06/02. Por David Coimbra, enviado especial a Seogwipo.

²⁷ Ver **Zero Hora**, Cadernos de Esportes – Jornal da Copa, p. 10, em 10/06/02. Por Wianey Carlet, colunista.

Na última partida da primeira fase, o Brasil joga com a Costa Rica (5x2). Mesmo com um placar avantajado, a defesa brasileira foi novamente criticada. Para esta questão especial, cabe observar a foto (anexo I) utilizada para complementar o título da matéria central, (...) **Esta defesa é uma peneira**²⁸. A foto é repartida ao meio, como que rasgada. Os defensores ficam para um lado e os atacantes para o outro. Nesta polarização que ocorre inicialmente de forma visual e ao centro da diagramação (uma interpelação ao olhar do leitor), as mazelas defensivas são separadas das virtudes ofensivas (preocupação nacional x paixão nacional).

Antes de a seleção brasileira ingressar na segunda fase da Copa, a caracterização do técnico muda para (...) **Revolucionário**. Menção a um comportamento tático sacramentado. O zelo e a importância que Felipão sempre dedica à defesa. Acrescida de uma pitada sutil no ‘contraditório’ da proposta. (...) *Luiz Felipe vai repetir o time que disputou os primeiros jogos da copa. E até fez uma advertência: - Reforçar a marcação no meio-campo só depois de fazer o resultado. Trata-se de um conceito revolucionário. Se o Brasil for campeão do mundo, estarão revogados todos os conceitos de equilíbrio entre marcar, armar e atacar, e o futebol voltará a ser – se é que foi algum dia – essencialmente artístico, ofensivo como nem os cariocas jamais se atreveram a sonhar*²⁹ (grifo do autor).

O Brasil chega às oitavas-de-final frente à equipe da Bélgica (2x0). Rivaldo e Ronaldo marcaram os gols para o Brasil e Luiz Felipe Scolari termina a partida exausto em virtude do equilíbrio entre as equipes e a exigência em dirigir a seleção e torcer pelo seu sucesso ao mesmo tempo. O que acresce um reforço, a mais uma das caracterizações atribuídas ao técnico durante a Copa – PAI – (...) **Família Scolari cada vez mais unida**. E possibilita o uso de ambigüidades na comparação a seleções do passado. (...) *A Seleção Brasileira faz Luiz Felipe Scolari sonhar. Depois de quatro vitórias no Mundial, o treinador só tem elogios para sua equipe, que por enquanto faz trajetória semelhante às daquelas de Parreira, em 94, e de Zagallo, em 98, ambas*

²⁸ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 8-9, em 14/06/02. Por Leonardo Oliveira.

²⁹ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 12, em 16/06/02. Por Wianey Carlet, colunista.

*finalistas*³⁰. A “*Família Scolari*” torna-se cada vez mais realidade – pelo menos em sua avaliação (grifo do autor).

O Brasil faz as quartas-de-final com a Inglaterra (2x1). A partida foi considerada como uma das melhores da copa e comparada a um “Gre-Nal”. Enfrenta a torcida e o adversário mais temido da competição e depois de sair perdendo, vira a partida. Ronaldinho gaúcho autor do gol de desempate é expulso. A vitória e a emoção de Felipão ao vencer a partida mereceram destaque e repercussão nos principais jornais do Mundo.

A virada do jogo frente aos ingleses foi anunciada com *cheiro de penta* e comparada a clássicos regionais. (...) **Era como um dia de Gre-Nal**. Shizuoka, a cidade do jogo, despertou de forma diferente (...) *acordou como se fosse Porto Alegre em dia de Gre-Nal, Florianópolis em dia de Figuerense x Avaí, Rio em dia de Fla-Flu. Shizuoka estava nervosa. Há 10 mil brasileiros vivendo na região. Eles vestiram o amarelo, se enrolaram em bandeiras e foram cedo para o estádio*³¹.

No dia seguinte ao jogo, a diagramação da capa do Caderno de Esportes e da matéria de contracapa aproveitou-se de um hábito jornalístico para compor o sentido em relação aos atores e acontecimentos subsequentes ao jogo. Ronaldinho, Ronaldo Nazário, Felipão, Rivaldo e a cidade de Saitama (palco da semifinal) são os objetos de ponto e contraponto dos destinos em jogo (ver anexo II).

O encarte do final de semana retratou/fixou as incontáveis repetições do gol do jogador Ronaldinho que decidiu o jogo. No embalo da vitória sobram louros ao setor defensivo (...) *com a entrada de Kléberson, a Seleção Brasileira recuperou o equilíbrio no meio-campo e o sistema defensivo funcionou bem. Descontando-se o erro de Lúcio, que resultou no gol da Inglaterra, foi uma atuação praticamente perfeita da defesa. Marcos não trabalhou. Sobre a falha de Lúcio, cabe lembrar que ele estava sozinho na disputa com Owen (o esquema de 3 zagueiros existe para evitar isto), mas também é*

³⁰ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 6, em 18/06/02. Equipe de articulistas.

³¹ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 3, em 22/06/02. Por David Coimbra, enviado especial a Shizuoka.

*fundamental dizer que ele se recuperou completamente no decorrer do jogo*³² (grifo do autor).

Na semifinal, o Brasil vence a Turquia (1x0) e passa para mais uma final de Copa do Mundo. O resultado do jogo foi *com cara de Felipão* e veio no bico da chuteira do jogador Ronaldo (considerado destaque do jogo). Após o jogo os destaques figuravam: (...) **Chuteira de prata Bico de ouro**, (...) **O primeiro estádio verde-amarelo**, (...) **Bico de craque é gol**, (...) **Ronaldão!**, (...) **Heróis de Saitama** e (...) **Lá onde a Coruja dorme**³³. Com especial reverência do velho lobo ao lateral Cafu. (...) *Ontem, ele jogou realmente como um lateral moderno, apoiando e ajudando na marcação. Não aceito que seja ala ou ponta-direita, só com obrigações ofensivas*³⁴. No entanto, apesar do sucesso algumas dúvidas permanecem. *Luiz Felipe organizou (?) (...) a Seleção Brasileira com um punhado de jogadores atrás e um punhado de jogadores na frente. Meio-campo, mais uma vez, não existiu*³⁵.

Antes da partida final, o destaque gira em torno da (...) **Felipão mania**. Neste momento, o estado parece fazer coro (...) **loucos por Felipão**³⁶. As cidades de Passo Fundo, Caxias do Sul e Canoas são dispostas na diagramação da matéria em condição de disputa. Uma pretende ser o berço, a outra o local de trabalho e a última, a casa. A foto com os dizeres sobre a rodovia Tabai-Canoas reflete o momento de euforia: A FAMÍLIA SCOLARI SOMOS TODOS NÓS.

(...) **Com a mão no penta** (...) o **maior jogo de todos os tempos**³⁷ é anunciado. No encarte de domingo as apreciações reforçam a polarização entre qualidades, virtudes, esquemas táticos, renda *per capita* do Brasil e da Alemanha. Disposições enunciativas, fotos, caricaturas e desenhos ilustrativos apresentados jogam o tempo todo

³² Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 4, em 22/06/02. Por Paulo Roberto Falcão, colunista.

³³ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 1-4-5-6-8-9-10-11, em 27/06/02. Títulos das reportagens.

³⁴ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 6, em 27/06/02. Por Mário Jorge Lobo Zagallo, autor da coluna especial para o mundial, Zagallo na copa.

³⁵ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 12, em 27/06/02. Por Wianey Carlet, colunista.

³⁶ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 1-10, em 28/06/02. Equipe de articulistas.

³⁷ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 1-2, em 30/06/02. Por David Coimbra, enviado especial a Tóquio.

no vai e vem entre os adversários. Luiz Felipe Scolari ganha um especial espaço para a sua biografia.

O Brasil vence a Alemanha na final (2x0). Ronaldo Nazário parece expurgar a culpa da derrota que pairava sobre seus ombros desde a final de 98. (...) **O mundo é da família Scolari**, surgem várias versões para o perfil do técnico.

(...) **Felipão sociólogo:** o técnico faz um apelo à união do povo brasileiro e às possibilidades de conquistas através da união. (...) O técnico insistiu também que a seleção siga aliando sua técnica inigualável com a disciplina tática. Essa combinação torna o futebol brasileiro poderoso como são os americanos no basquete.

(...) **Felipão estrategista:** Felipão apresenta uma lógica para as escolhas táticas durante as quatro primeiras partidas da Copa. (...) no início do Mundial conseguimos resgatar uma imagem de Brasil vencedor. Por isso optamos em colocar um jogador que foi fundamental, principalmente nas três primeiras partidas, o Juninho. Com ele, tivemos um maior poder de ataque. Começamos a Copa numa situação de força, de imposição e de respeito que não tivemos nas eliminatórias – explicou.

(...) **Felipão ofensivista:** (...) criticado ao longo da carreira pelo zelo defensivo de seus times, Felipão viveu situação inversa nesta Copa. (...) a campanha do Penta deixou Felipão com uma das melhores médias de um técnico na seleção. O saldo de gols em 25 jogos foi de 42 gols. A Seleção marcou 18 gols na Copa, média de 2,5 por jogo.

(...) **Felipão emotivo:** O treinador fala das saudades da família e chora de emoção. Agradece aos torcedores brasileiros e destaca o fato de que os mesmos o colocaram na condição de técnico, lembrando de sua contratação após uma pesquisa encomendada pela CBF.

(...) **Felipão aliviado:** Ele enfatiza que, apesar da organização da equipe alemã, as individualidades brasileiras ajudaram a superar o adversário.

(...) **Felipão de amanhã**³⁸: (...) O técnico, porém, pode seguir o mesmo caminho de Carlos Alberto Parreira, tetra campeão mundial, ele deixou o cargo em alta, ano passado, quando comandava o Inter, recusou o convite para voltar, alegando que uma derrota apagaria sua conquista.

³⁸ Ver **Zero Hora**, Caderno de Esportes – Jornal da Copa, p. 6, em 1º/07/02. Equipe de articulistas.

7 Considerações acerca das diagramações para “FELIPÃO”

A idéia de jogo construída ao redor do técnico Luiz Felipe Scolari e as diversas atribuições ao seu desempenho como treinador está ligada a concepções que intencionam definir um perfil à sua forma de atuar como jogador no passado. Junta-se a esse perfil a maneira como ele comanda as equipes durante as partidas (a beira do gramado).

Neste sentido, quando surge a idéia de marcação a partir dos atacantes (Ronaldinho, Ronaldo e Denílson), enfatiza-se que a tarefa desempenhada pelos jogadores aconteceu sobre pressão, através da imposição do treinador. Para além da interpretação de severidade, considerando os *atributos defensivos* – marcação e o *sentido* conferido em relação à liberdade e a diretividade da proposta tática, cabe considerar que:

- A opção por uma conduta em detrimento de outra, a exemplo do retorno para marcar, faz parte do planejamento tático e, na maioria dos casos, independe estritamente do temperamento do treinador.
- A importância da marcação³⁹ pressupõe capacidade (colocação, antecipação, abordagem, etc.) de jogar sem a bola. Uma prerrogativa que não diz respeito somente ao atacar, mas fundamentalmente ao defender. Isso implica na organização do conjunto defensivo (coesão), através de coberturas, troca de marcação, disposição na linha do passe, entre outros. O que favorece certa racionalidade e economia de esforços e auxilia na superioridade numérica da defesa em relação ao ataque e na retomada da posse de bola.

Em decorrência, falhas e erros são facilmente atribuídos aos defensores. Principalmente aos zagueiros (dois ou três), pois somente eles, considerando-se o senso

³⁹ Para SCHMITZ (1999: p.144), a marcação é vista como ação individual de defender. O conceito de marcação pressupõe que cada indivíduo seja capaz de marcar pelo menos um oponente direto, se marcar dois, melhor. O sucesso da defesa vai depender da qualidade da marcação, que em última análise é caracterizada pelo sucesso do marcador frente ao seu oponente, ou seja, pela capacidade do marcador de vencer o confronto com o atacante.

comum, são os responsáveis por defender. Os demais, ou possuem função mista ou são apenas atacantes.

Antes mesmo de a Copa começar, o jogador Roque Junior foi alvo de críticas severas em virtude de não ser o titular no seu clube de origem. Nas partidas da Copa, o zagueiro nunca foi substituído, isso talvez possa justificar o seu bom desempenho. Kléberson, mesmo não integrando o recorte descritivo, passou por situação semelhante, foi contestado inicialmente, mas depois foi fundamental à ligação entre ataque e defesa da seleção. Destaque para a sua participação na final, quando assistiu Ronaldo no segundo e definitivo gol. No mesmo jogo, de longa distância, chutou uma bola na trave que abriria o placar da partida.

No jogo frente à Inglaterra, Kléberson protagonizou uma situação bastante peculiar. Mesmo em contradição ao que era preconizando como alternativa do treinador para proteção da defesa: utilização de dois volantes somente depois de assumir a vantagem no placar. Kléberson sai jogando e toda uma idéia de *ofensividade* pré-concebida é alterada.

Outra interpretação única de tática ou entendimento dela foi por ocasião da lesão e do corte de Emerson. Um problema de antecipação na avaliação do que ocorreria taticamente com a saída do jogador. Parece que as ações táticas defensivas ou a orientação destas se concentravam em apenas uma pessoa. Em decorrência surgem dúvidas em relação à capacidade do treinador em reorganizar sua proposta em curto espaço de tempo.

Uma primeira apreciação regionalista cresce em cima do problema gerado. Ricardinho, jogador do Corinthians, representante do futebol paulista é convocado e chega depois da estréia do Brasil na Copa. Muito embora a convocação parecesse ter sido tomada a partir de uma situação de correção por parte do treinador. A maior preocupação observada é de cunho regionalista. Ou seja, uma ameaça à titularidade de Ronaldinho (o Gaúcho) e o domínio do comando da seleção por um paulista (provável liderança).

Ainda no contexto regionalista é clara a preferência por Anderson Polga na titularidade da seleção. Duas indicações são passíveis de destaque. A primeira por sua qualificação gremista (perceptível nas descrições realizadas), a segunda decorre da possibilidade de ocupar o mesmo espaço com outro representante do futebol gaúcho: o Lúcio colorado.

Para além do contexto regionalista citado, cabe destacar a profusão de imagens e termos utilizados para conotar o regionalismo, tais como: a logomarca da torcida coruja – a corujinha de poncho, a estátua do Laçador trajando verde e amarelo, *os guris de Felipão, um ano de mate na seleção, Boa guri, era como um dia de Gre-Nal*, entre outros.

A mítica do Gre-Nal envolvendo o regionalismo (jogo pegado, violento), que na maioria dos casos serve para estabelecer diferenças entre a mídia gaúcha e a mídia do centro do país (discussão sobre competências técnicas e táticas), foi utilizada como elemento de comunhão (via louvor a clássicos regionais) na caracterização da vitória brasileira frente aos ingleses. Interessante como um elemento de disputa sobre a idealização do futebol brasileiro se reverte sem muita dificuldade em componente de orgulho nacional partilhado.

Outro fato marcante do aspecto regionalista durante a Copa ocorreu por ocasião da conquista do *penta*. Uma *autofagia* de pertença em relação à cidade gaúcha do treinador da seleção – Passo Fundo, Caxias do Sul e Canoas – foi disposta no sentido de estabelecer grau de importância e significação para a conquista. Neste caso, caberia outra investigação de como isso ocorreu através das mídias locais.

Em continuidade à análise e compreensão da apresentação do *comportamento tático* do treinador, cabe destacar que, no quesito sobre a disposição de jogadores, observou-se:

- O contraditório em tornar o time ofensivo a partir da organização defensiva. Apesar de ser tomado como um treinador que se preocupa essencialmente com a defesa e a organização de retrancas, Luiz Felipe

Scolari surge como *revolucionário* ao priorizar o gol antes da organização defensiva.

- No jornalismo esportivo é corrente a idéia de separar os titulares dos reservas e as substituições tradicionais de jogadores de mesma posição (atacante por atacante, defensor por defensor). O treinador brasileiro alterou a escalação de uma partida para outra (Polga, Edmílson, Juninho, Junior, etc.). Usou volante como base de sustentação para o ataque (Kléberson), usou atacantes na marcação (Ronaldo, Ronaldinho), fez alterações mudando a posição dos jogadores em campo (no jogo frente à China troca de posição para conter o avanço dos alas), estabeleceu titularidades momentâneas. Uma demonstração da infinidade dos fatores influenciadores de tática. Que, por vezes, é tomada unilateralmente no jornalismo esportivo.
- Que na maioria dos casos, e a foto da matéria que apresenta a defesa brasileira como uma peneira, serve de exemplo. Existe uma clara separação entre defensores e atacantes. O grande problema de se efetivar um entendimento razoável do jogo consiste na dificuldade dada na insistente polarização citada. Aos jogadores de ataque se reserva a condição de estar ligado a tudo que diz respeito à beleza plástica do jogo. Malabarismos, criações espetaculares e jogadas repetidas à exaustão são a tônica que caracteriza o setor. Por outro lado, e desde o meio-campo para a defesa (incluindo o goleiro) se localiza o setor menos nobre do jogo. A ele se liga uma série de atributos depreciativos que determinam uma desvalorização natural daqueles que ali jogam.

A contribuição produzida com este trabalho de pesquisa foi a de trazer à luz da discussão acadêmica alguns detalhes que implicam em como uma idealização específica (regionalismo) de jogo acontece em determinada situação (grandes eventos esportivos). A fragmentação da idéia de jogo a partir da produção de conteúdos esportivos midiáticos cria a possibilidade de discutir a própria fragmentação do conhecimento. Tanto para o jornalismo especializado como para o ensino esportivo, a separação acima citada entre ataque e defesa, dificulta a compreensão de uma série de outros conceitos.

A inter-relação entre a técnica e a tática é um exemplo. Se o foco de interesse do espetáculo esportivo se estreita em direção àquele que faz o gol, vai demorar ainda muito tempo para se compreender que a própria lógica inerente à evolução do futebol impõe certa racionalidade e uma ocupação que mistura tarefas e funções dentro de campo. Isso solicita um redimensionamento da compreensão do jogo sem bola e das questões que envolvem seu funcionamento.

BIBLIOGRAFIA

BERGER, L. Berger; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BORELLI, Viviane. **O Esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

SCHMITZ FILHO, Antonio Guilherme. **A trajetória do técnico Luiz Felipe Scolari na Copa do Mundo de Futebol de 2002: uma proposta de análise a partir da perspectiva do jornal Zero Hora**. Santa Maria/RS: DDC/CEFD/UFSM, 2007. Projeto de Pesquisa – registro nº 020295.

_____, Antonio Guilherme. **A CPI do futebol: agendamento e processualidades sistêmicas**. São Leopoldo/RS: Ciências da Comunicação/UNISINOS, 2005. Tese.

_____, Antonio Guilherme. **Jornalismo Esportivo na Copa de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1999. Dissertação.

FAUSTO NETO, Antônio. **O Impeachment da Televisão: como se cassa um presidente**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FELIPPI, A.C. **Zero Hora e o “localismo” como critério das notícias**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

GASTALDO, E.L. **A Família Scolari Somos Todos Nós**. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003.

GUEDES, S. L. “O Povo Brasileiro no Campo de Futebol” in: **O Brasil no Campo de Futebol**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

GUERRA, Marlene. **Recreação e Lazer**. Porto Alegre: Sagra de Luzzatto, 1993.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HENN, Ronaldo. **Os Fluxos da Notícia**. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um Produto à Venda**. São Paulo: Editora Summus, 1988.

PLACAR (ENCARTE). **Dicionário ilustrado do futebol** . Editora Abril, 1972.

SILVERSTONE, Roger. **Televisión y vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 1-2-3, em 20/05/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 6-7, em 21/05/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 2, em 25/05/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 2-5, em 03/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 7, em 4/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 15, em 7/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 2-6, em 9/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 10, em 10/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 8-9, em 14/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 12, em 16/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 6, em 18/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 3-4, em 22/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 1-4-5-6-8-9-10-11-12, em 27/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 1-10, em 28/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 1-2, em 30/06/02.

ZERO HORA, caderno de esportes – jornal da copa, p. 7, em 01/07/02.

ANEXO I

A dor de cabeça de Felipão

Os torcedores da Seleção mistam euforia com o ataque e temor pelas falhas do sistema defensivo:

Gilberto Silva - É o único jogador do meio-campo com características de atacante

Felga, Lúcio e Edmundo - Os reservas de Felipão erram passes, dão facilmente driblados e costumam manter a bola e não o adversário em cruzamentos

Marcos - Rochinha que sua zaga está desprotegida

Cifu - Está atuando sem responsabilidade na marcação

Defesa, a PREOCUPAÇÃO NACIONAL

Tês gol sofridos na fase classificatória do Mundial. Menos número de gols tomados pelo Brasil em toda a Copa de 1994



Julinho - Com a tarefa de marcar, o meia tem se atraído ao ataque

Ataque, a PAIXÃO NACIONAL

11 gols marcados em três jogos. O Brasil nunca fez tantos gols em primeiras fases de Copa como em 2002